

DEPOIMENTO

João José Bigarella*

Neste centenário memorável do prof. dr. José Loureiro Fernandes, no qual são apresentadas numerosas facetas de sua vida ativa como professor universitário, desejo referir algumas passagens relativas à evolução inicial de minha carreira como pesquisador. Sem dúvida, o prof. Loureiro foi um professor e pesquisador dedicado e pioneiro nas áreas de Etnografia e de Arqueologia.

Um professor de extraordinário alcance e de grande envolvimento com as matérias que lecionava. Segundo comentário de minha esposa Iris Erica, os alunos apreciavam suas aulas e, mesmo terminado o período letivo, procuravam-no, após os exames de praxe, pedindo que lhes ministrasse mais algumas aulas complementares, ao que o prof. Loureiro atendia entre surpreso e feliz.

Nessa época foi um dos primeiros, senão o único professor que levava seus alunos bem como outras pessoas interessadas de outras áreas da faculdade em excursões de campo, propiciando a todos um contato importantíssimo que incentivava o aprendizado prático e o conhecimento *in loco* dos assuntos abordados. Dessa forma, enriquecia com seus conhecimentos os seus alunos que muito admiravam suas aulas, ministrando um ensino realmente proveitoso. Não se tratava de um mero “papaguear” repetitivo do que os livros apresentavam, mas uma obrigação que estimulava o aluno a interessar-se e trabalhar, mesmo entre tropeços de erros e acertos, dando-lhes uma outra dimensão da disciplina abordada.

Em 1944, levou a Caiobá, na faixa litorânea do Estado, um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, enfrentando todas as dificuldades advindas da participação do Brasil na 2ª Grande Guerra.

Eram estudantes de etnografia e paleoetnografia do último ano do Curso de Geografia e História. Nessa época, a Praia de Caiobá, uma das mais belas do litoral, era raramente visitada e tinha poucas

* Professor Catedrático de Minerologia e Geologia Econômica aposentado pela UFPR. Professor Visitante na UFSC. Membro da Academia Brasileira de Ciências.

casas de “banhistas”. Havia várias casas de caboclos, remanescentes da miscigenação de portugueses e indígenas, portadores de tradições folclóricas, hábitos alimentares, de pesca e do cultivo da terra (plantio e colheita). Utilizavam diversos utensílios domésticos e de artesanato. Alguns possuíam pequenas indústrias de fabricação de farinha de mandioca, rapadura e açúcar mascavo.

Nesse cenário, até certo ponto idílico, os estudantes conheceram a vida rústica e os problemas de uma população que vivia distante das conveniências dos centros urbanos.

Para o referido trabalho de campo com os alunos, o prof. Loureiro organizava pequenas equipes que visitavam e pesquisavam diversos temas em áreas às vezes distantes, localizadas mais para o interior da planície costeira. Solicitava aos alunos que estudassem temas de interesse geográfico, etnográfico ou histórico-social. Embora não fosse aluno do prof. Loureiro, participei de algumas excursões como auxiliar do Museu Paranaense na área de Mineralogia e Geologia (Fig. 1).**

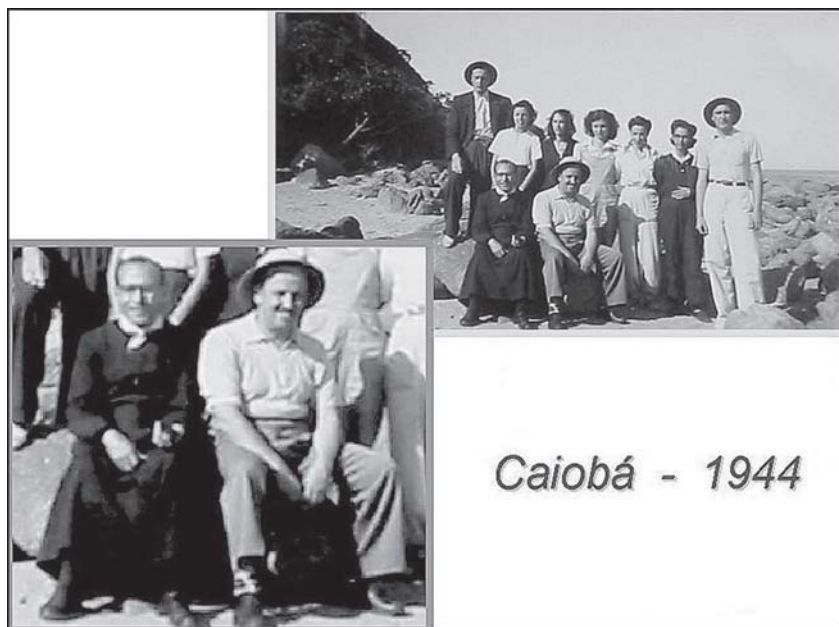


Figura 1. Grupo de pesquisadores do Museu Paranaense e alunos do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

** O depoimento do prof. Bigarella foi acompanhado por projeções de diapositivos. Uma parte das imagens do acervo do autor, foi incluída no presente texto (N. do Ed.).

Devo ao prof. Loureiro muito de minha formação, ao participar de algumas excursões seja da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ou do Museu Paranaense.

Quando nasci, o professor tinha 19 anos; na década de 1930 ele foi médico de nossa família. No começo da década de 1940 incentivou-me a cursar a Faculdade de Filosofia onde me formei em Ciências Químicas e, em 1944, a ingressar no Museu Paranaense, como assistente voluntário, nomeado pelo interventor Manoel Ribas.

Na época, era suficiente o curso ginásial para ingressar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Cursei o ginásio no Instituto Santa Maria, dos Irmãos Maristas. Constituiu este um ótimo aprendizado que favorecia sobretudo o desenvolver do curso superior.

Despertou em muitos de nós um interesse especial pela pesquisa, seja nas áreas de Geografia, Física ou Química. Sabendo de meu interesse pela pesquisa, o prof. Loureiro contribuiu facilitando-me o acesso aos pesquisadores e professores visitantes que participavam das atividades do Museu Paranaense. Durante uma das excursões da Faculdade de Filosofia e Museu Paranaense, em junho de 1944, conheci minha esposa Iris Erica Koehler Assenburg, sendo que o professor Loureiro veio a ser nosso padrinho de casamento.

Nas excursões e aulas de campo, vivenciamos uma face da personalidade do prof. Loureiro sempre prestimoso, atendendo a todos com boa vontade e presteza sorridente que o caracterizavam. A disciplina que lecionava deixou de ser meramente teórica, envolvendo seus alunos numa atividade prática muito importante e, permitindo o desenvolvimento de uma carreira profissional com abertura de amplos horizontes.

Numa das excursões do Museu Paranaense com o dr. Loureiro, saímos de Guaratuba, pela praia em direção à barra do Saí, na divisa com Santa Catarina.

Na Figura 2 pode-se notar a sua maneira descontraída no campo. No seu modo de ser estimulou de forma muito especial a nossa carreira científica. Na metade da tarde, o dr. Loureiro retornou e eu continuei subindo o rio Saí numa canoa monoxila, a fim de realizar um levantamento expedito de alguns cursos de água, além de mapear as diversas unidades sedimentares da planície costeira, bem como localizar os sambaquis existentes na área.

A Figura 3 ilustra outra excursão do Museu Paranaense, em junho de 1944, da qual também participavam professores da Universidade de São Paulo. O prof. pe. Jesus Moure, diretor da Seção de Zoologia trazia, entre outros, os professores Ernesto Marcus e Paulo Sawaya; o prof. Carlos Stellfeld, diretor da Seção de Botânica, convidava os professores Felix Rawitcher e Aylton Joly.

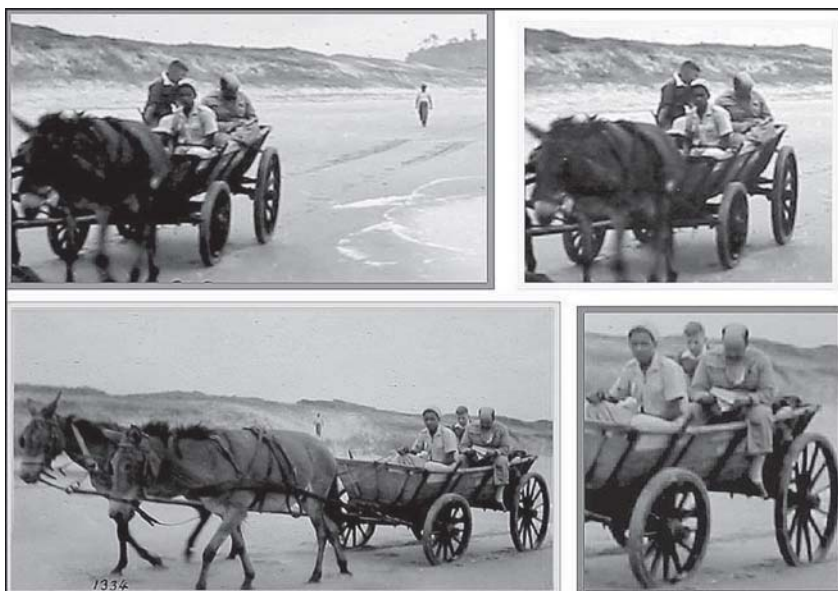


Figura 2. Professor Loureiro na Praia do Saí, divisa com Santa Catarina, em 1945.



Figura 3. Integrantes de pesquisa do Museu Paranaense no litoral do Paraná, em 1944.

Nesse programa de cooperação científica participavam professores de São Paulo e de outros centros que aqui pesquisavam, proporcionando-nos a oportunidade de acompanhá-los. Com eles e, o trabalho integrado, surgiram diretrizes e uma nova visão do que seria um conceito inovador de universidade no Brasil.

Adotamos essa idéia no Instituto de Geologia da Universidade do Paraná, nas décadas de 50, 60 e 70, trazendo professores e pesquisadores visitantes tanto do Brasil como do exterior. Íamos, igualmente, visitar instituições em vários países estabelecendo um contato com o mundo, muito proveitoso no andamento de nossas pesquisas.

A função da universidade não seria aquela de apenas repetir a matéria impressa no compêndios, mas, sobretudo, de transmitir experiência através dos esforços e resultados do trabalho de pesquisa do professor. Com essa filosofia, haveria um desenvolvimento profícuo do país e a melhor qualificação do professor, com elevados benefícios a todos. Infelizmente, no final da década de 60 e começo da de 70, houve uma espécie de desmoronamento da estrutura universitária, que relegou a segundo plano a parte de pesquisa, apregoando uma “democratização” utópica do ensino, com rebaixamento do nível didático.

Concordamos com a necessidade de prover um maior acesso às carreiras universitárias, porém de forma objetiva, sem abrir mão da pesquisa acadêmica, fornecedora do conhecimento (*know how*) imprescindível ao desenvolvimento. Torna-se, portanto, necessária a ampliação de universidades técnicas ou de cursos técnicos profissionalizantes. Este não é o papel da universidade. Seu principal papel é o acadêmico, a busca incessante do conhecimento, que fornece paralelamente diretrizes para a parte pragmática. O professor deve ter liberdade e recursos de tempo e material para fazer pesquisa, pela pesquisa, pelo conhecimento. E foi mais ou menos essa a luta do prof. Loureiro na preparação e encaminhamento de seus alunos. Alguns setores universitários sobreviveram, enquanto outros ficaram na dependência do exterior, tornando-se decadentes.

A Figura 4 ilustra uma excursão do Museu Paranaense à Vila Velha, em Ponta Grossa. Da esquerda para a direita, aparecem Frederico Waldemar Lange (o Lange de Ponta Grossa, diretor da Seção de Geologia e Paleontologia), o motorista Sebastião, dr. Loureiro, pe. Moure, Ralph João Jorge Hertel e Rudolf Bruno Lange.

Na foto, vê-se o dr. Loureiro feliz, como sempre alegre e realizado com o que fazia, como aliás todo professor deve se sentir numa carreira bem sucedida.



Figura 4. Grupo de pesquisadores do Museu Paranaense em Vila Velha, Ponta Grossa, em 1945.



Figura 5. Expedição do Museu Paranaense ao rio Paraná, em fevereiro de 1948.

Na Figura 5 ilustramos uma expedição do Museu Paranaense ao rio Paraná, realizada em janeiro e fevereiro de 1948 e incentivada pelo dr. Loureiro. Nessa época a estrada para Foz do Iguazu era extremamente precária. Para Guaíra não havia estrada, a viagem fazia-se por barco a partir de Foz do Iguazu ou por São Paulo, descendo-se o rio Paraná. De Foz do Iguazu a Guaíra seguimos num pequeno avião do Correio Aéreo Nacional. Nessa expedição éramos quatro: dr. Vladimír Kozák e sua irmã Carla, encarregados da documentação fotográfica, o dr. Nicolau Carlos Gofferjé, responsável pela coleta de material zoológico e eu, na parte geológica referente ao Arenito Caiuá e aos sedimentos dos terraços do rio Paraná. Permanecemos nas selvas durante 40 dias. Encontrávamos alguns indígenas (Caiuá e Guarani), paraguaios e brasileiros. Foi uma viagem de muitas aventuras, dificuldades e maravilhoso contato com a natureza.

Anos mais tarde, acompanhei o dr. Loureiro por ocasião de uma homenagem ao fundador da Colônia Tereza, no rio Ivaí (Fig. 6).



Figura 6. Homenagem prestada ao dr. João Mauricio Faivre em Tereza Cristina, Paraná.

Por tudo o que expusemos, fica evidente que o prof. Loureiro foi, entre outros, um dos grandes pioneiros do desenvolvimento das

ciências no Paraná, no Museu Paranaense e na Universidade. Sua dedicação e interesse tiveram extraordinário alcance.

No Museu Paranaense, ao lado do pe. Moure, Stelfelld, Martins Franco, Lange e Maack, transformou a entidade numa casa de pesquisa, onde iniciei minha carreira científica altamente estimulada pela presença de cientistas visitantes.

Referindo-nos agora ao estudo dos sambaquis cabe-nos ressaltar a preocupação pioneira do professor para com a preservação dos mesmos. Contribuiu para obtenção de uma legislação adequada para interromper a sua destruição, já que no Paraná eram utilizados para pavimentação das estradas pelo Departamento de Estradas de Rodagem; anteriormente, ainda, esses ricos amontoados de conchas serviam para produção de cal, com grande perda do material arqueológico neles existentes (Figs. 7 e 8).

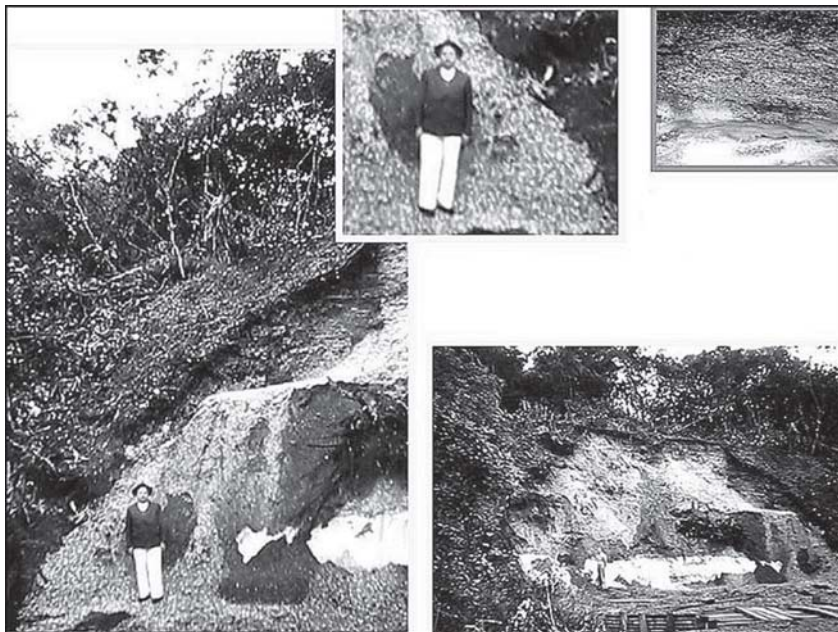


Figura 7. Sambaqui do rio da Praia em Guaratuba, Paraná, em 1948.

Quando Secretário de Estado, o professor Loureiro propôs a criação do Departamento de Cultura, convidando o prof. Fernando Corrêa de Azevedo para dirigi-lo. Nessa ocasião assumi a Divisão do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural do Paraná, como primeiro ocupante do cargo. A minha tarefa principal foi o cadastramento dos



Figura 8. O prof. Loureiro em suas pesquisas no Sambaqui de Matinhos, no litoral do Paraná.

sambaquis no Paraná, localizando-os em mapas por nós levantados já que não havia referências cartográficas, e definindo seus aspectos paleográficos (Figs. 9, 10, 11 e 12).

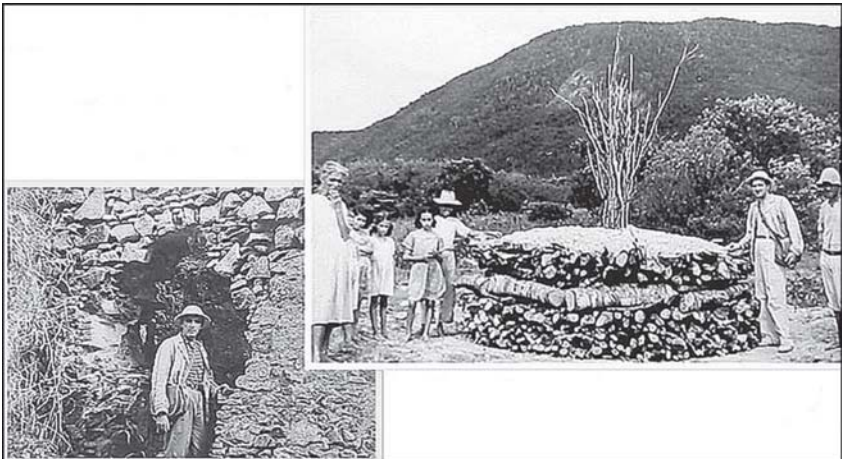


Figura 9. Instalações para fabricação de cal de conchas de sambaquis.

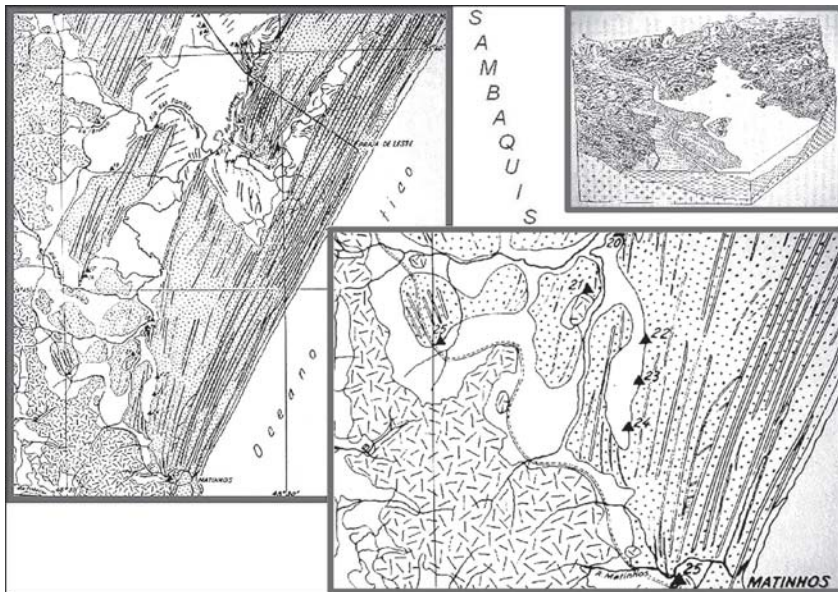


Figura 10. Localizao, cartografia e cadastramento de sítios arqueológicos no litoral do Paraná.

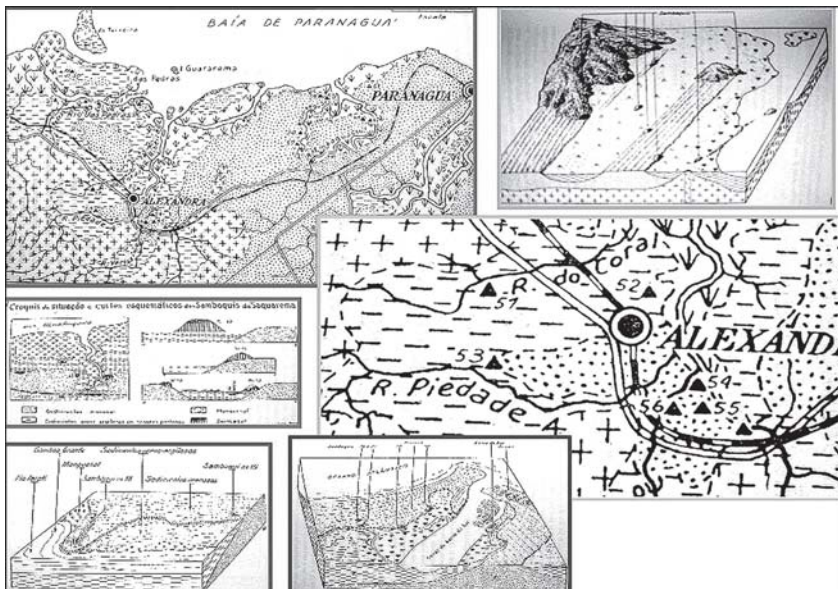


Figura 11. Localizao dos sambaquis na paisagem.

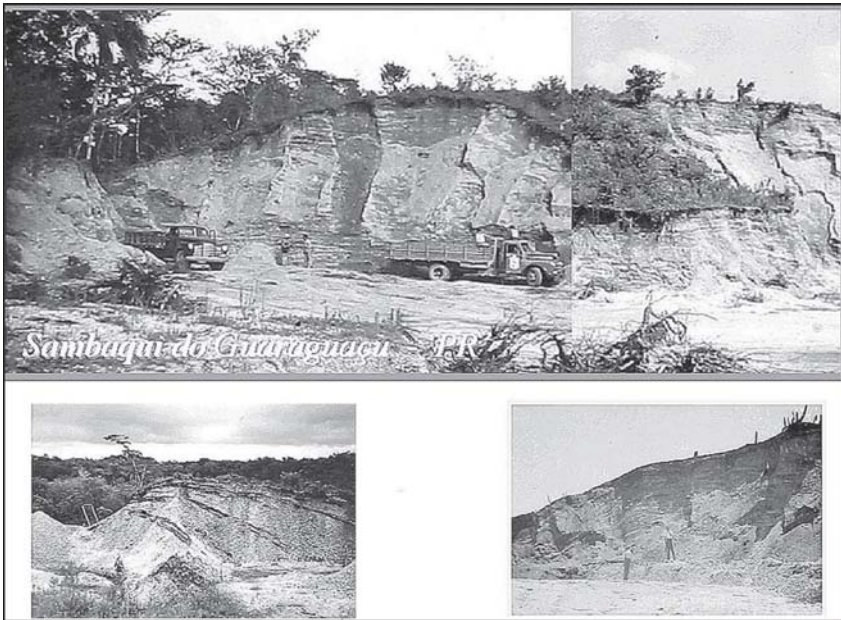


Figura 12. Destruição de sambaquis nas décadas de 1930 e 40.

Nessa ocasião, iniciamos também o cadastramento dos bens de interesse cultural, artístico e paleoetnográfico visando a preservação do patrimônio. Embora nossa participação na Divisão do Patrimônio fosse de curta duração, devido a vicissitudes políticas, continuei o cadastramento dos sambaquis no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT) durante muitos anos.

Demos continuidade ao trabalho de localização, mapeamento e levantamento geológico regional, separando as diversas unidades formadas no pleistoceno e holoceno. Este estudo possibilitou analisar as várias etapas da evolução da paisagem, isto é, de sua paleogeografia. Nesse cenário, foi possível reconhecer os vários estágios do desenvolvimento paleoambiental da área ocupada pelo homem pré-histórico na região litorânea.

O trabalho de pesquisa revelou que os sambaquis tinham uma distribuição geográfica muito característica ocupando determinados ambientes. Havia, na época, duas hipóteses contraditórias sobre sua origem. Numa, o sambaqui era considerado produto do dilúvio, responsável pelo redemoinho das águas que aglomeravam as conchas em montes. Seriam produtos naturais em nada relacionados à atividade humana? Com o aprimoramento das pesquisas arqueológicas e suas

óbvias evidências a hipótese natural foi completamente abandonada.

Assim como destacamos o dr. Loureiro como um dos pioneiros no estudo dos sambaquis no Paraná, não podemos deixar de mencionar Guilherme Tiburtius que acompanhou os desmontes de numerosos sambaquis pelo então Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná. Durante anos, pacientemente recolhia as peças de interesse arqueológico jogadas nas estradas do litoral paranaense durante a recuperação do recapeamento. Como colecionador infatigável, foi responsável pelo salvamento de cerca de 6.000 peças espalhadas por ocasião da pavimentação das estradas, ou em fornos de produção de cal. Este acervo faz parte do Museu do Sambaqui de Joinville.

Lamentavelmente, não houve um entendimento entre o dr. Loureiro e Tiburtius, o que teria sido altamente benéfico para ambos, já que desempenharam um papel importante na fase pioneira das pesquisas arqueológicas no Paraná.